

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

O pão sem liberdade é como o coxo da senzala. O ideal é fartura econômica, sem desprezo da liberdade, e, sobretudo, com respeito à dignidade da vida.
(De um artigo do "Jornal de São Paulo")

O Anarquismo na B. B. C. de Londres

"A Voz de Londres", Boletim para o Brasil dos programas radiofônicos da B. B. C. (British Broadcasting Corporation), em sua edição de 3 de julho, publica uma síntese do anarquismo que merece ser conhecida dos leitores de "A Plebe", transcrevemo-la na íntegra:

"ANARQUISMO

Dicionário Político, programa que o Serviço Brasileiro da BBC está apresentando todas as sextas-feiras às 20 horas, tratará, dia 25 de julho, do Anarquismo. O autor da palestra será o sr. Alan Bullock, já apresentado aos leitores de "A Voz de Londres".

Quando se fala num anarquista, o que passa geralmente pela nossa mente é um homem barbudo, envolvido num capote preto e carregando uma bomba no bolso. A propaganda e o sensacionalismo se encarregam de apresentar o anarquista como um dinamizador, uma pessoa para quem a destruição constitui o maior dos prazeres.

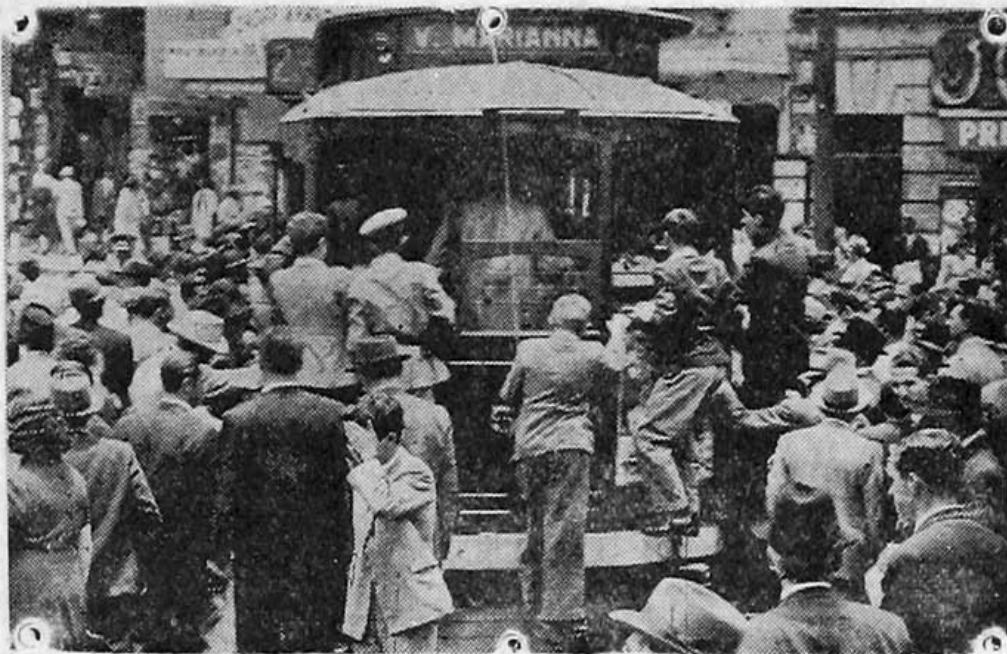
O vocábulo "anarquia" nos vem do grego antigo, pois a palavra grega para ordem ou governo era *Arche*, e o oposto — o caos ou a desordem — era *Anarchia*. Um historiador grego se serve da palavra para descrever o estado de um exército sem comando; outro a emprega para pintar o quadro de uma multidão fora da lei. Geralmente se emprega hoje a palavra Anarquia para descrever uma ação violenta contra a ordem social estabelecida.

Contudo, além dessas significações, as palavras Anarquista e Anarquia têm seu sentido especial e particular. Neste sentido descrevem uma série de ideias justificando a abolição do Governo e do Estado, por serem instituições opressivas e corruptas. A palestra a que nos referimos acima tratará do Anarquismo neste sentido, que é o seu alto sentido político.

O Anarquismo se baseia na ideia de que a natureza humana é essencialmente boa. O que torna uma pessoa egoísta e com vícios é o sistema, são as instituições, sob as quais ela vive, e especialmente a propriedade privada e o poder do Estado. O sistema da propriedade privada conduz à divisão da comunidade em ricos e pobres, determinando a guerra de classes. A instituição do Estado e seu governo reduz a natural liberdade do homem e o obriga a obedecer às ordens de outros. Se o homem se livra do sistema da propriedade privada e da autoridade do Estado, do poder do governo e das leis, os males sociais estarão, segundo o Anarquismo, completamente sanados.

Em sua palestra, o sr. Bullock estudará os prós e os contras dessa teoria, assim como fará um resumo claro da história do Anarquismo.

OS ANARQUISTAS e os acontecimentos do dia 1.º de Agosto



Esta forma desumana de viajar nos veículos que fazem o transporte coletivo em São Paulo, foi uma das causas do desespero que levou o povo às depredações no dia 1.º de agosto

No comunicado oficial distribuído à imprensa e divulgado no dia 5 do corrente, acerca dos acontecimentos verificados nesta Capital no dia 1.º de agosto, fazem-se referências, não sabemos se propositadamente ou encaradas no sentido de interpretar a anarquia como desordem, em que se procura responsabilizar aos anarquistas pelas depredações que o povo, por uma dessas razões determinantes da psicologia das multidões, praticou nos bondes e ônibus da C.M.T.C.

Em face dessas referências contidas no comunicado oficial, julgamos de nosso dever elucidar aos trabalhadores e militantes libertários no sentido de demonstrar qual teria sido a nossa posição relativamente aos fatos ocorridos.

Preocupados em encontrar um bode expiatório para a irresponsabilidade dos seus atos, os responsáveis pela coisa pública, demonstrando grande falta de equilíbrio, procuram responsabilizar aos anarquistas pelas desordens havidas e vividas naquele dia, em que foram destruídos ou danificados cerca de 400 veículos de utilidade pública, e, portanto, pertencentes ao patrimônio coletivo.

Antes de entrarmos na apreciação dos fatos, impõe-se uma definição, à guisa de esclarecimento, da maneira de ser dos anarquistas em suas relações com a coletividade.

- 1) — Os anarquistas não estão organizados em partidos, porque são apolíticos;
- 2) — São contra o Estado como instituição, não lhes importando quem, acidentalmente, exerça funções governamentais;
- 3) — Não procuram destruir o que existe, mas aproveitar melhor e mais eficientemente o patrimônio social em benefício da coletividade.

Feitas estas considerações, não podemos acertar com as intenções do comunicado oficial, no seu item VI, que atribui aos "mazorquinhos" anarquistas a obra destrutiva levada a efeito nos bondes e ônibus da C.M.T.C.

Não se registra na história dos movimentos sociais de todo o mundo, em que os anarquistas houvessem tomado parte ativa, um só ato no sentido de destruir os bens da coletividade. Ao contrário, os anarquistas se têm revelado sempre no sentido construtivo, como ainda recentemente o demonstraram na Espanha, no setor dos transportes coletivos, em cuja administração revelaram tal eficiência que assombraram o mundo pela sua capacidade, realizando, em menos de um ano, o que a empresa à qual estava afeto esse serviço não havia realizado em dezenas de anos.

E' conhecido também o episódio da revolução russa, em que os anarquistas da Ucrânia abasteciam de trigo a população faminta de Moscou, pedindo, em troca, que lhe mandassem enxadas e instrumentos de trabalho.

Toda a propaganda doutrinária do anarquismo é baseada no sentido de pôr à disposição das coletividades humanas o patrimônio científico, artístico, cultural e de trabalho dos indivíduos, ao invés de servir aos interesses de grupos ou castas.

Não podiam, pois, ser os anarquistas, como "políticos", os instigadores do povo para que este depredasse ou destruísse aquilo de que viria precisar, porque não são políticos; é inconcebível, também, a ideia de que foram os anarquistas os depredadores de ônibus e bondes, obedecendo à palavras de ordem de seus "chefes", porque eles não têm chefes.

Há ainda outra circunstância, a mais importante: — Convencidos como estão os anarquistas da justiça de seus princípios, assumem sempre a responsabilidade dos atos que praticam por motivos ideológicos. E' conhecida a honestidade e probidade moral da ação dos militantes libertários nesse sentido. Aqueles que não podem compreender o desprendimento pela própria vida e a abnegação dos anarquistas em todos os movimentos revolucionários, chegam até a considerar loucura a dignidade com que eles defendem os seus princípios.

E nenhum anarquista, que nos conste, reivindicou, até agora, a "honra" de haver participado das depredações verificadas contra os veículos da C.M.T.C.

A verdade, porém, é outra. Os diretores da Companhia Municipal de Transportes Coletivos praticaram grave erro psicológico. Habitados a subestimar as energias populares, esqueceram-se de que era inoportuna a majoração das tarifas justamente quando o povo esperava, para os transportes, uma solução mais racional e humana.

Durante as campanhas eleitorais os políticos fazem promessas que depois não podem cumprir. O povo, educado psicologicamente nesse sentido, confia nas promessas feitas e aguarda a solução dos seus problemas. A falta dessas soluções provoca um represamento de descontentamentos, e vai acumulando ódios que explodem nos momentos oportunos. Essa é a história de todas as convulsões sociais.

Estamos com o povo no seu protesto e lamentamos que, em vez de depredar e destruir, o povo não tenha demonstrado a sua capacidade construtiva, tomando ele mesma a administração do serviço de transportes e organizando-se o serviço de forma a atender verdadeiramente aos seus interesses.

A destruição pela destruição é absurda e inconsciente. E essa inconsciência não se pode atribuir aos anarquistas, que visam justamente uma sociedade humana baseada na consciência coletiva.

A Política Italiana e o Anarquismo

A propósito de um artigo de Armando Ferrari, publicado em "O Estado de São Paulo", Gino Bibbi, colaborador do "Jornal de São Paulo", num comentário sereno, assim se expressa sobre o anarquismo:

"Em 'O Estado de S. Paulo', o vizinho, em geral, bem informado Armando Ferrari, ao dar, para os leitores do grande matutino paulista, informações referentes ao novo Partido Italiano formado pelos cisionistas Sagarat, Modigliani e outros destacados socialistas, escreve, com muita segurança, uma bem evidente quanto importante inexactidão. Aqui a informação é de fato impressionante. Em outras palavras, o P.S.T.I. reuniu as bandeiras do Socialismo e do mais puro Anarquismo".

Não tivemos nunca o que se chama projeção na política italiana, porém, e especialmente depois da "libertação", da "Carta do Atlântico", da "linha justa" e de outras, todas mais ou menos linhas marxistas, elecionistas, parlamentaristas, "táticas", "proletárias", médias ou inteiramente "burguesas" etc. etc., bem mais sentidos em nosso espírito a impressão de que o Anarquismo leva vantagens de coerência e clareza perante outras ideologias e especialmente perante a do profeta Marx. E, errada ou não a impressão, certo é que os anarquistas adotaram, sempre e inofensivamente, uma propaganda bem diferente da adotada pelos partidos marxistas de todos os matizes, que são muitos, e refletem um mal-estar (periódicamente revelado pelas crises) que afunda suas raízes no próprio marxismo.

Imbuído de falsas profecias e do presunçoso "cientifismo", é ele causa máxima de recuos, contradições, falsas tragédias, e de efêmeros movimentos colossais que só dão a ilusão do progresso, pois não há progresso social possível sem os adequados alicerces fixados nas consciências, esclarecidas e não ludibriadas, dos voluntários e ansiosos adeptos das transformações sociais que as tragédias, misérias e inseguranças deste mundo deixam assomar até ao cérebro e coração dos mais indiferentes.

No último Congresso Socialista francês, o venerando Leon Blum, aos 70 anos e depois de uma vida de dedicações generosas, tem a coragem exemplar de dizer, patenteando com muita autoridade moral, a profunda separação existente entre o marxismo e o anarquismo, e depois de um balanço triste das atividades políticas do Marxismo, e depois de salientar as dramáticas contradições a que está sujeita dita atividade, de dizer: "Não podemos livrar-nos das contradições senão pondo fim à ação política mesma, ou seja, separando-nos de uma das vias essenciais do Marxismo, como o fizeram Bakunin e os anarquistas em 1870".

CURSO DE HIGIENE MENTAL

Continuando a série de aulas deste curso, que está sendo levado a efeito no salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano, estão marcadas para o mês de Agosto mais as seguintes palestras:

18: "Higiene Mental e os assim chamados Vícios Sociais, DR. HILTON NEVES TAVARES; 25: "Higiene Mental e arte, DR. OSÓRIO CESAR.

As palestras são antecedidas da exibição de filmes adequados.

Entada franca

Encando Ideias...

O Estado tem uma longa história toda de assassinatos e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo, os morticínios, as guerras, as faltas á fé jurada, as fogueiras, as torturas, tudo foi justificado pelos interesses do Estado pela razão do Estado. O Estado tem uma longa história. Toda ela é de sangue.

Clemenceau

Guerra a Guerra

UM ESPLENDIDO MANIFESTO LANÇADO HA' 77 ANOS
PELA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DOS TRABALHADORES

Quando em 1870 a guerra assolou os campos da França e da Alemanha, a Associação Internacional dos Trabalhadores (A. I. T.) lançou um manifesto em que se define, de uma forma clara, a posição dos anarquistas no seu repúdio a todas as guerras.

Achamos oportuno, agora, quando se volta a falar em novas guerras, como si as vidas humanas não tivessem outra finalidade senão a de servir de carne para canhão, a transcrição desse documento que reflete bem o sentir de todos os anarquistas.

Hoje, como ontem, as causas das guerras são as mesmas: ambições de mando, conquista de mercados, explorações de falso patriotismo, em suma, Estado. Eis o manifesto:

"Aos trabalhadores de todos os países!

Ainda mais uma vez, sob o pretexto do equilíbrio europeu, da honra nacional, a paz do mundo está ameaçada pelas ambições políticas.

Trabalhadores franceses, alemães, espanhóis, que as nossas

vozes se unam em um grito de reprobção contra a guerra!

Hoje, as sociedades não podem ter outro fim legítimo que não seja a produção e divisão equitativa. A divisão do trabalho, aumentando todos os dias as necessidades da permuta, tornou as nações solidárias. A guerra, por uma questão de preponderância ou de dinastia, não pode ser, aos olhos dos trabalhadores, senão um criminoso absurdo.

Em resposta às aclamações belicosas daqueles que se eximem ao pagamento do tributo de sangue ou que encontram nas desgraças públicas uma fonte de novas especulações, protestamos, nós, que queremos a paz, o trabalho e a liberdade.

Protestamos:

Contra a destruição sistemática da raça humana; contra a delapidação do dinheiro do povo, que só deve servir para fecundar o solo e a indústria; contra o sangue espalhado para satisfação odiosa das vaidades, dos amores próprios, de ambições monárquicas ofendidas ou não satisfeitas.

Sim, protestamos com toda a nossa energia contra a guerra, como homens, como cidadãos, como trabalhadores! A guerra é o reflexo dos instintos selvagens e dos odios nacionais. A guerra é o meio indireto dos governos para sufocarem as liberdades públicas. A guerra é o aniquilamento da riqueza geral, obra dos nossos labores cotidianos.

Irmãos da Alemanha:

Em nome da paz, não escuteis as vozes estupidamente ou servis que hão de procurar iludir-vos sobre o verdadeiro espírito da França.

Ficai surdos às provocações insensatas porque a guerra entre nós seria uma guerra fratricida. Ficai tranquilos como o pode fazer, sem comprometer a sua dignidade, um grande povo forte e corajoso. As nossas divisões só conduziriam ao triunfo completo do despotismo nas duas margens do Reno.

Trabalhadores de todos os países, seja qual for o êxito dos nossos comuns esforços, nós, membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, que não conhecemos fronteiras, a vós dirigimos, como penhor de solidariedade indissolúvel, os votos e as saudações dos trabalhadores da França".



LIVROS E FOLHETOS

"PREDEFINIÇÃO" — poesias —
Ulisses Diniz.

Embora contrário às nossas concepções de arte, que se encaminham sempre no sentido de que todas as manifestações do pensamento e da cultura devem estar ao serviço das coletividades humanas, advogando as grandes causas sociais da emancipação do homem, registamos o aparecimento deste livro de poesias, de autoria do sr. Ulisses Diniz.

Composto de versos tecnicamente bem feitos, o autor adota neste livro a forma do soneto, que maneja com facilidade.

Parque-nos, talvez porque somos exigentes quanto ao fundo, que o seu livro se resente um pouco do emprego da retórica, não se notando nele aquela preocupação que se nota na maioria dos poetas, mesmo naqueles que não se dedicaram à poesia de carácter social, como Ricardo Gonçalves, Castro Alves, Vicente de Carvalho e muitos outros.

A preocupação do sr. Ulisses Diniz pela forma, torna o seu livro um pouco fútil e inexpressivo.

"Teses da Existência e Inexistência de Deus" — Charles Duclos.

A Editorial e Distribuidora Sagittario Ltda. publicou e distribuiu às livrarias esta importante obra de Charles Duclos, o terceiro volume da Coleção Perspectivas.

Precedido de breve introdução do autor, em que trata de justificar a razão de ser deste livro, compõe-se o volume que temos à mão de interessantes capítulos sobre o assunto.

Fugindo à regra geral, em que os autores quase sempre se colocam num ponto de vista pessoal, o autor de "Teses da existência e inexistência de Deus" aborda o assunto de uma forma inteligente e profundamente didática.

O leitor pode confrontar, no mesmo livro, a afirmação e a negação da existência de Deus, podendo tirar conclusões próprias.

Da sua leitura, feita através de debates entre um ateu e um teísta, tiram-se conclusões sólidas e instrutivas.

SOUZA PASSOS

"A PLEBE"

Caixa Postal 5739

SÃO PAULO

O ANARQUISMO E A REALIDADE BRASILEIRA

PEDRO CATALO

lencio, crêem que estes subscrevem-lhes os desmandos e atropelos.

Al tendes Mussolini, gordo e rechonchudo, usando na lapela um distico que não reproduzimos por uma estrita questão de decência, e que certo da sua impunidade, endossava crimes e crueldades praticadas pelas hordas dos camisas negras sob a exclamação fatídica de "Mussolini há sempre ragione". Al o tendes, L'uomo, Il Duce, que se vangloriava de fazer chegar os trens na hora certa, o que faz supor que, na Itália, muitos maquinistas teriam sido presos por atrasos involuntários. Al o tendes, esse transfigura que se caracterizava pela impertinência megalomânica das suas atitudes, quando a realidade lhe mostrou a cara fugiu como um vil, morreu cobardemente, como morreu seu genro. Nem sequer teve o consolo de um caixão. Foi para a sarjeta, manchar a lama que lhe suportava o

corpo. Para salvar a vida ofereceu um imperio. Mas o povo não quer impérios, quer justiça. E o povo italiano, reajustando as próprias energias, encaminha-se, a passos firmes na realização sublime de um mundo novo, mundo que sonharam Mazzini e Garibaldi, Gori, Matteotti e Erice Malatesta.

O fim do ditador fascista deve fazer doutrina para os governantes. Já não se pode governar com a razão da força. Talvez com a força da razão, e mesmo assim, mudando cada vez mais o ato de governar, pela arte de administrar o grande patrimônio da nação. Esta perspectiva desenhada em todos os países e, principalmente, naqueles onde o fascismo mais ameaçou consolidar-se. E o Brasil, onde as liberdades populares parecem banquetear-se nos festins de gala e nas tertúlias pantegruélicas, em que o entreecho das taças de

Os nossos Mortos

Muitos foram os militantes libertários que a morte roubou ao nosso convívio, daqui e de fóra, durante o longo período em que "A Plebe" teve a sua publicação interrompida, isto é, desde 1935 a esta data, por culpa da ditadura.

Alguns morreram naturalmente, pagando assim o seu tributo à vida. Outros, a maioria, foram vítimas de assassinatos covardes por parte de adversários que não tinham outros argumentos para os vencer no campo das batalhas ideológicas; outros ainda, vitimados pela reação, morreram nos calabouços ou foram "suicidados" nas prisões e campos de concentração do capitalismo fascista, pagando, dessa forma, o tributo às idéias.

Impossibilitados de tratar, em um só numero do nosso jornal, de todos esses camaradas que deixaram no caminho das lutas libertárias rastros de luz, publicaremos em todos os numeros, nesta seção, que intitulamos "Os nossos mortos", referências especiais a cada um.

Obedecendo a essa norma, tratamos hoje do saudoso camarada Luiz Bertoni, que foi uma das vidas mais intensamente iluminadas do anarquismo.

LUIS BERTONI

Na Suíça, em janeiro do corrente ano, faleceu o velho militante anarquista Luiz Bertoni. Tinha 70 anos de idade. Foi um militante libertário cuja vida representa toda uma época da própria história do movimento anarquista. Bertoni nasceu em Milão. Tendo-se formado num ambiente de idéias livres, interveio, ainda jovem, no movimento republicano - federalista de Tessino, em 1890 e iniciou sua propaganda libertária pessoal e tão típica para ele no ano de 1898, apesar dos gran-

des obstáculos que esta propaganda encontrava naqueles dias, depois do atentado de Luccheni contra a imperatriz Elisabeth. Durante toda sua vida, Bertoni trabalhou como tipógrafo, compondo ele mesmo seus trabalhos de propaganda e nos quais se revelou um pensador e militante muito original e valente. Sempre independente, Bertoni esteve durante sua vida ativa em contacto com todos os grandes movimentos rebeldes da região em que vivia e trabalhava, e além disso, acima de tudo, em relação íntima com a vida e a evolução ideológica do movimento libertário e das idéias. Tinha profunda influência nos movimentos suíços e dos países vizinhos, e o seu jornal era praticamente lido no mundo inteiro. Foi em 1900 quando Bertoni fundou o seu "Réveil-Risveglio", jornal que durante algum tempo se publicou também em língua alemã. Em 1939, apareceu o numero 1.000 do "Réveil", mas em 1940 o governo suíço suprimiu-o. Bertoni continuou sua obra editando folhetos mensais, os quais saíram durante a guerra. Depois da conflagração, tomou ao seu "Réveil".

Com Bertoni, desapareceu um dos grandes representantes da velha geração anarquista da Europa. Suas concepções tinham sempre uma forma pessoal. Sem representar uma tendência determinada, Bertoni se deixava guiar por um conceito legitimamente libertário, dispondo, ao mesmo tempo, de um sentido bem desenvolvido dos problemas da luta diária.

verdade que precisa ser reparada quanto antes, porque a vida e a saúde dos trabalhadores merecem respeito e acatamento.

Se não acreditais, senhores do governo, de que a situação dos que trabalham é deveras preocupante, deixai toda essa maravilha de conforto que tendes e que foi criada pelo esforço ingente do trabalhador, e vinde morar nos casebres infectos dos bairros operários, tendo como estipendio para a vossa manutenção apenas o esquelético salario mínimo, e vereis, então, como no curto prazo de alguns dias, teréis de ser urgentemente hospitalizados e que, nos hospitais que estão no nosso alcance, sobram doentes e morrem muitos por falta de assistência.

Levai, depois, para o vosso confortável convívio, um proletário ríto, um habitante dessas zonas ruins e veréis, como no mesmo prazo de dias, será outro, gordo, limpo, satisfeito, alegre, e procurando nivelar-se a vós em modos e cultura. Como conclusão final da excursão que vos propomos, teréis a dolorosa constatação de que a tuberculose, longe de ser uma doença meramente física, é um flagelo social que campeia tranquilamente no seio da classe trabalhadora, classe essa que sofre a dupla injustiça de trabalhar bastante e alimentar-se mal.

Cursos sobre

Prudhon e Marx

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o professor Georges Guervitch, diretor do "Centro de Recherches Sociales", iniciou um curso sociológico sobre "Prudhon e Marx".

Na introdução às aulas desse curso, o professor Guervitch ressaltou, em traços vigorosos, a extrema oposição existente entre o Marxismo e a filosofia social de Prudhon. Para o socialista francês o comunismo não passava de uma organização da polícia que, absorvendo a pessoa humana, eliminava toda possibilidade de iniciativa individual. Marcando ainda mais as divergências entre estas duas orientações filosóficas — o Marxismo e o Prudhonismo — o prof. Guervitch ilustrou com convincentes citações as bruscas mudanças na administração de Marx por Prudhon, de nehecia as obras. Concluindo, salientou a transformação da doutrina marxista em dogma político.

Pelo Mundo Anárquico

O povo português na luta pela liberdade

Notícias vindas de Portugal, através de vias as mais diversas, transmitem-nos as mais dolorosas cenas do reacionarismo salazarista.

O tirano que em Portugal continua a obra nefasta de Mussolini e Hitler, vinga-se da ação clandestina desenvolvida pelo povo português em sua luta pela liberdade exercendo, através dos seus organismos de repressão e espionagem, a mais severa vigilância no sentido de fazer calar as vozes daqueles que não leem pela sua cartilha de jesuita.

Apesar disso, é intensa a campanha anti-salazarista em todos os meios sociais. Valendo-se da clandestinidade, por meio de folhetos e boletins de todos os tamanhos e feitios, numa obra subterrânea que abala aos poucos a estrutura do fascismo luso, o povo continua a luta pela liberdade.

"A Batalha", o heroico jornal do movimento anarquista português, embora pequenino e reduzido numero de páginas, continua chegando até nós com mais ou menos regularidade.

Tendo sido, por muitos anos, um dos mais bem cuidados jornais do pensamento livre de todo mundo, "A Batalha", que se publicava como diário em Lisboa, impoz-se pelo seu aspecto vivo, e, principalmente, pelo seu suplemento ilustrado, onde figuraram as mais brilhantes penas da literatura portuguesa.

Juntamente com "A Batalha", do Porto, e "Aurora", também do Porto, além de uma infinidade de outras publicações periódicas "A Batalha" desenvolveu uma obra intensa de cultura livre, que fez daquele povo um dos grandes baluartes do anarquismo.

"ITALIA E ESPANHA"

Subordinada ao tema acima, o professor Mariano Ruiz Funes, da Universidade da cidade do México, pronunciou uma conferência, dia 11 do corrente, no auditorio da Escola Caetano de Campos.

Gratos pelo convite.

Estariamos enganados se tratássemos de compreender a atualidade espanhola e os caminhos do seu futuro, através dos discursos dos seus homens proeminentes, das ordens e decretos de seus funcionários, das estritas resoluções dos seus partidos. Com isso não se teria detido o fascismo, mas antes preparado o caminho ao capitalismo. O trabalho anônimo das massas, a revolução silenciosa preparada continuamente por milhares de seres sem ambição, que só abandonam o sulco quando a semente é já fruto, para aí é que se devem voltar as atenções dos que querem compreender a obra dos anarquistas na Espanha.

Haja vista, por exemplo, a demonstração da capacidade construtiva do povo espanhol realizada através do Conselho Regulador da Economia de Villena.

O Comitê de Defesa Antifascista compreendeu que não bastava organizar-se a luta contra as tropas reacionárias.

Era preciso, sobretudo, movimentar as indústrias decadentes ou abandonadas pelos fascistas em fuga, dando à produção um interesse social. Campos, fábricas e oficinas foram entregues às respectivas corporações e, com fundos pertencentes aos capitalistas desaparecidos, constituiu-se uma Caixa Única para amparo e fomento das indústrias.

A orientação era clara: administração das indústrias pelos operários e bonificação dessas indústrias para o bem social. Cada centro básico de produção ou seção de indústria mantinha o seu Comitê de fábrica, emanado das assembleias de pessoal, que, geralmente, se reunia

Ainda há pouco tempo foi sufocado um movimento que visava o fim do terror fascista em Portugal, sendo encarcerados e enviados para as colônias africanas milhares de trabalhadores e estudantes.

Só dessa forma, empregando na obra reacionária os recursos arrancados ao povo através de pesados tributos, reduzindo-o à fome e à impotência, consegue o emulo de Franco manter-se ainda no poder.

Pessoas vindas de lá recentemente contam os piores horrores do nível de vida a que ficou reduzido um povo laborioso e valente, ao ponto das estradas se verem cheias de pessoas a pedir esmola enquanto as lavouras de trigo e centeio ficam abandonadas porque, dizem eles, o governo nada deixa ao lavrador. E este prefere pedir esmolas a ter de trabalhar para sustentar o parasitismo clerical do regime salazarista.

URUGUAI

Informações colhidas através da correspondência que nos tem chegado de Montevidéu, revelam que a situação no Uruguai, relativamente aos meios de vida, são péssimos.

Em quase todos os ramos de atividade, aqueles que estão colocados para conservar os empregos, mesmo à custa de certas concessões, pois as perspectivas do desemprego são assustadoras.

Em compensação, o nosso movimento renasce naquele país com uma expressão vitalizante.

Ainda há poucos dias, em sinal de protesto contra a determinação do governo de considerar a greve fora da lei, o proletariado de Montevidéu demonstrou as suas convicções revolucionárias, dando a conhecer, em uma grande manifestação, do que é capaz de fazer pela liberdade.

Orientada pelos organismos sindicais aderidos à F. O. R. U. (Federación Obrera Regional Uruguai), esta manifestação foi levada a efeito sem a intervenção política de qualquer partido, com caráter essencialmente libertário, apesar das formas de repressão de que lançam mão as autoridades daquele país, que, como em toda a parte, neste após guerra, procuram reduzir o povo à impotência por meio das legislações trabalhistas com que iludem aos trabalhadores.

todas as semanas para analisar o trabalho e empreender novas tarefas. Do conjunto de Comitês surgiam as organizações integrais do ramo da indústria, representadas pelos respectivos Conselhos de Administração de Indústria, os quais orientavam e administravam as diversas seções pertencentes a cada ramo especializado, ao mesmo tempo que procuravam mercados e matérias primas.

Delegados diretos dos Conselhos de Administração integravam o Conselho Regulador da Economia Socializada.

Por intermédio do Conselho Regulador organizavam-se os intercâmbios ou compras de importância, saindo dele os recursos destinados a financiar as indústrias que, por motivo da guerra, por sua deficiente organização ou pelas funções que desempenhavam, não se bastavam a si mesmas. A parte, com representações das diversas forças, mas com funções de ordem geral e legal, o município desempenhava funções distintas da vida econômica propriamente dita.

A harmonia entre os trabalhadores



Pingentes, causa dos muitos acidentes que ocorrem no serviço de transportes coletivos de São Paulo. E é assim que viaja o povo quando vai para o trabalho...

Correio Plebeu

F. A. Silveira — Capital — Providenciamos já sobre a remessa dos pacotes. As suas cartas e os trabalhos tem sido recebidas, bem como as importâncias que nos remeteu.

Os trabalhos serão aproveitados em uma seção que criamos para esse fim: **Coisas Nossas**. Gratos pelo interesse dispensado à "A Plebe".

J. C. — Pirajuí — Recebida sua carta de 8, juntamente com o desenho, que será aproveitada com as perspectivas de "O Archole".

Pela seção **Coisas Nossas** publicamos hoje a nossa opinião acerca das perguntas que nos fez em carta. Quanto ao assunto de Cuba, rejeitamos, de antemão, por não se haver dado jamais fato idêntico, a hipótese ou a inexistência da notícia que chegou às suas mãos nesse sentido. Em todo caso, escrevemos à redação de um jornal anarquista daquele país e aguardamos a resposta sobre o assunto.

R. V. — Niterói — Ficamos cientes dos termos de sua carta ao Pedro. Estamos satisfeitos com as perspectivas de "Archole".

E' um prazer quando se trabalha com essa vontade de vencer.

L. P. — Montevidéu — Aproveitamos as informações de sua carta ao A. Aguarde carta.

Os A'cratas — Porto Alegre — Por falta de espaço deixamos para o próximo numero a publicação da nossa opinião sobre o assunto ventilado em vossa carta publicada na seção **Coisas Nossas** do numero passado.

Edgard

Coisas Nossas

Resposta a uma carta

I — SOBRE AS DIVERGENCIAS ENTRE COMUNISTAS E ANARQUISTAS: — Impõe-se-nos aqui, preliminarmente, a obrigação de definir o que entendemos por comunismo. Nós, os anarquistas, entendemos por comunismo a organização da sociedade em comunas livres, baseadas no apoio mútuo e no mútuo consentimento, isto é, em organismos independentes ligados entre si pela necessidade de produção e a faculdade de consumo. Quer dizer, todas as atividades sociais — e nisto compreende-se a vida de todas as manifestações humanas — colocadas ao serviço da humanidade dentro do princípio libertário, estariam organizadas livremente, com a ausência do Estado, que não teria mais razão de existência, visto ser o Estado um órgão destinado a garantir a propriedade privada, que terá deixado de existir no comunismo libertário. A função do Estado caracteriza-se ainda como órgão absorvente das atividades, e não produtor, perdendo, por isso, a sua significação, em virtude da abolição do dinheiro, elemento da corrupção, e que motiva a existência do Estado.

Feita esta definição sucinta, passemos agora ao objetivo de sua pergunta: As divergências entre bolchevistas e anarquistas, datam da primeira internacional, e são profundas, visto caracterizarem duas tendências opostas, uma, autoritária, de Marx, outra, libertária, de Bakounin. Efetivamente, das divergências entre Marx e Bakounin, na primeira Internacional, surgiram as duas correntes de socialismo histórico. Marx, partidário do princípio de autoridade, não concebia a sociedade humana fora do Estado, isto é, do órgão centralizador das atividades sociais; Bakounin, partidário do princípio de liberdade, concebia a organização social em comunas livres, partindo do princípio de que o Estado, sendo autoritário, implicava fatalmente na ausência de liberdade, tornando-se, consequentemente, um entrave ao desenvolvimento das comunas livres.

II — REVOLUÇÃO RUSSA: — Quando surgiu a revolução do povo russo, os anarquistas tomaram parte ativa nesse movimento, que tinha caráter profundamente social, tendo a sua ação se desenvolvido principalmente na Ucrânia, com o movimento macknovista, movimento que impediu a intervenção das potências estrangeiras com a derrota, pelos macknovistas, dos austro-alemães de Wrangel e Denikine. Esse movimento foi, porém, traído pelos bolchevistas, que se haviam apoderado do poder político, desvirtuando-se, assim, os princípios da revolução russa, que visava o estabelecimento de um regime de liberdade.

A denominação de comunistas foi mantida pelos bolchevistas pelo fato de atender essa denominação aos anseios do povo russo, avia, naquela ocasião, dois partidos políticos na Rússia: o partido bolchevista e o partido menchevista, isto é, da maioria e da minoria, sendo o partido bolchevista o majoritário, o que justificava o fato de ter ficado no poder.

O conceito "de cada um segundo as suas forças; e a cada um segundo as suas necessidades", bem como o de "um por todos e todos por um", pertencem à declaração de princípios da I Internacional, portanto, anarquista.

III — O ESTADO: — As divergências entre bolchevistas e anarquistas não são apenas com relação

ao Estado. Elas são fundamentais e abrangem todas as manifestações doutrinárias. Os bolchevistas são políticos, os anarquistas, apolíticos. Eles adotam a tática das concessões cedendo para tirar proveito; os anarquistas não fazem concessões, porque não visam o poder. Os bolchevistas são partidários do Estado Totalitário, considerando o indivíduo parte da engrenagem estatal, isto é, o indivíduo deve existir para o Estado, que é dono absoluto das suas ações, controlando-lhes inclusive as relações íntimas e de família, exatamente como os fascistas, que copiam do bolchevismo os métodos na forma de exercer o poder, quer dizer, são partidários do princípio de autoridade, que constitui a negação de liberdade proclamada pelos anarquistas.

Quanto à mistificação de que o Estado pode desaparecer tornando-se forte, é inconcebível, pois a ciência biológica demonstra que a função faz o órgão! Não se pode fazer desaparecer o Estado dando-lhe remédios para o engordar e fortalecer... A prova temo-la no fato de que, após haver passado uma geração sob a égide do Estado bolchevista, os indivíduos continuam na Rússia escravos do Estado, controlados por ele, ao ponto de existir a pena de morte inclusive para menores, coisa que o próprio Estado burguês repele e condena!

Como se vê, nada podem ter os anarquistas de comum com os bolchevistas.

Concluindo, ficamos-lhe gratos pela oportunidade que nos deu de conhecermos a sua preocupação humana da liberdade.

G. G.

Brevemente:

"O anarquismo ao alcance de todos"

Livro do Prof. JOSE OITICICA

CAUSTICOS SOCIAIS

Em uma roda de jornalistas, da qual fazia parte o sr. Santos, que abandonara a batina para se dedicar às lides da imprensa, e que logo se tornou conhecido pelas suas farras e dedicação ao belo sexo, um colega interpelou-o:

— Oh Santos, por que abandonaste a batina?

E o Santos, com a desenvoltura que lhe era peculiar respondeu maliciosamente:

— Por excesso de zelo eclesiástico...

cuja restauração houve de se empregar muito tempo e recursos, lutando com enorme escassez de matérias primas e impossibilidade de obtê-las em virtude das condições anormais da região, conseguiram produzir 1.000 dúzias de artigos diversos, no mesmo período.

Como vemos, na Indústria de roupas o ralo de ação do Conselho se estendia pela comarca da mesma forma que mantinha fábricas de azeite de cascabelo em Yecia, Hellin e Las Palmas, além da de Villena; em Yecia fabricavam também azeite de oliva e em Las Palmas destilavam álcool com o bagaço da uva. Em vinte e quatro horas conseguiram obter 5.000 quilos de azeite de cascabelo e 65.000 de azeite de oliva, e, em vista de haver diminuído a produção da matéria prima, devido à seca em Levante, procurava-se em Jaén e Ciudad Real, na provincia de Toledo e Cuenca, os produtos indispensáveis.

Isso que se dava com as indústrias acima mencionadas, aplicava-se a todos os ramos de atividade na região de Villena.

Eis aí, em resumo, o que conseguiu o trabalho coordenado de um reduzido núcleo de trabalhadores conscientes de suas responsabilidades históricas.

Animados todos pelo sopro fecundo da revolução social, certos de que, mais do que a demagogia declamatória dos políticos, a obra construtiva do mundo de amanhã deverá surgir do trabalho silencioso e concreto de todos os dias, aquele punhado de heróis dos campos, fábricas e oficinas demonstrou como se pode, sem autoridade, sem governo, organizar a sociedade livre, de produtores livres e de homens livres.

A Revolução Silenciosa

surgia dessas relações e administração própria nos lugares de trabalho, não se verificando divergências capazes de afetar a ordem dos problemas a solucionar.

A presidência do Conselho era exercida por um técnico, que, embora, eleito por assembleia geral dos Conselhos de Administração, não o fazia em representação dos mesmos nem de organismos sindicais. O secretário era um representante da CNT, sendo o tesoureiro e o contador da UGT. Os três, com os delegados dos Conselhos de Administração, constituíam o Conselho Regulador, onde se acumulavam — verdadeiro Banco do Povo — todos os efetivos das indústrias: cambiais, remessas documentárias, cheques e valores, etc., o que permitia controlar e operar com maior segurança e exercer ordenadamente os princípios de apoio mútuo, sua base ideológica.

Desta forma, em Villena, tornou-se possível levar à prática os propósitos dos trabalhadores e técnicos livres, de uma economia racional posta em serviço da coletividade.

Enquanto isso, com os benefecios

obtidos, constituíram-se fundos de reserva para ampliação de indústrias e melhoras na Agricultura, visando à conservação e melhoria do material existente, o seguro por enfermidade e acidentes, a subsistência em períodos de paralização forçada, dos trabalhadores desempregados, etc. E em vista de que tudo faltava nessa zona sujeita à expropriação capitalista, empreendeu-se com decisão a tarefa de fundar escolas de ensinamento industrial, primeiramente, e, em seguida, de investigação e cultura superior.

Mais eloquentes que as palavras e as intenções estão os fatos que em resenha apresentamos como exemplo para as regiões menos desenvolvidas no sentido de economia socializada.

A indústria do vinho, mau grado as dificuldades de transporte e a desvantagem de ter grande quantidade de recipientes em território faccioso, foi uma das mais progressivas. Instalou uma pequena fábrica de vinagre que produziu, no período de 21 de setembro a 31 de março, produtos avaliados em 2.879,513 posetas.

Na indústria têxtil que estava abandonada havia seis meses, e a

A PLEBE

S. PAULO, 15 DE AGOSTO DE 1947

ANO 31 — NUM. 6 (Nova fase)

Campos, Fábricas e Oficinas A indústria no Sindicalismo

É preciso conhecer bem a engrenagem sindical das organizações filiadas no Ministério do Trabalho, haver tido contacto com o seu burocratismo inútil, para se compreenderem as razões da profunda aversão que tem os trabalhadores a essa espécie de sindicalismo.

De origem fascista, partindo do princípio controlador do indivíduo pelo Estado, os sindicatos oficiais ressentem-se de um mal contrário à tendência que tem todo indivíduo em ser livre: o princípio de autoridade.

Habitados a ouvir que tudo depende do "senhor presidente", os indivíduos se habituam a relegar ao sindicato todas as suas reivindicações, confiando na ação do mesmo.

Em virtude, porém, dos interesses políticos, muitas vezes; e dos interesses pessoais dos dirigentes, muitas, acontece que todos os atos desses organismos de classe devem ser encardidos dentro do princípio jurídico emanado da legislação trabalhista, elaborada com o propósito de amortecer no espírito dos trabalhadores o espírito de rebeldia que anima o caráter de todas as conquistas sociais.

Por essa razão, as reivindicações de uma classe ficam sujeitas à morosidade burocrática de um funcionalismo conservador, perdendo-se nas gavetas dos inúmeros departamentos ministerialistas.

Isso, quando se trata de medidas que dizem respeito à coletividade. Quando é um indivíduo, apenas, o interessado, é obrigado a desistir de qualquer benefício, tais são as dificuldades que se lhe deparam nesse sentido.

As consequências dessa engrenagem manifestam-se na má vontade dos trabalhadores em relação ao sindicato a que pertencem, e no qual ingressaram por certas exigências legais nos casos em que, precisando de elemento representativo como número, os dirigentes sindicais se veem em apuros, como, por exemplo, nas comemorações políticas ou quando se trata de manifestações públicas a personagens governamentais.

Sabemos de sindicatos que, tendo aderido a uma dessas manifestações, precisam pagar até mesmo a quem lhe conduziu os estandartes e discursos com que demonstrava a adesão "espontânea" no ato!

Explica-se, porém, essa aversão. Os indivíduos encaram o sindicato como um mal inevitável, ao qual são obrigados a pertencer. Um ódio instintivo os separa do que eles con-

sideram a indústria do sindicalismo, onde só veem funcionários inimigos que vivem parasitariamente à sua custa.

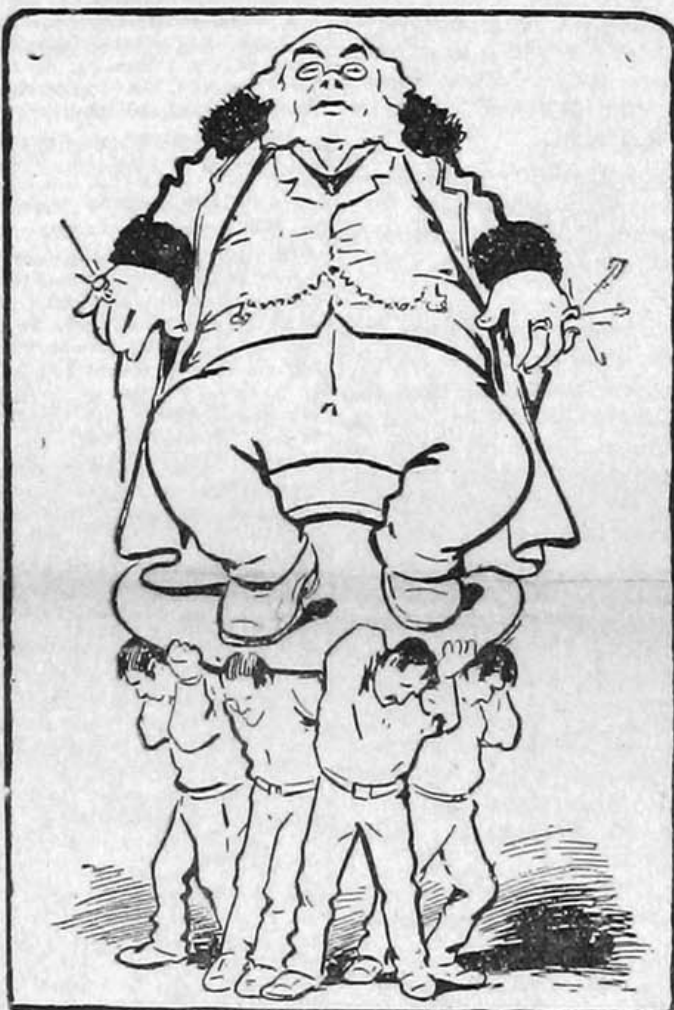
Confrontando este sistema com os organismos sindicais existentes em 1917, e que até 1930 orientaram os movimentos reivindicatórios do operariado paulista, verificamos esta coisa assombrosa: todas as leis sociais que enchem as páginas da Consolidação das Leis Trabalhistas, foram conquistadas pela ação direta dos trabalhadores organizados em sindicatos livres, para os quais ingressavam espontaneamente e em cujas assembleias tinham ampla liberdade de palavra.

A lei de oito horas, férias remuneradas, indenização por dispensa injusta, descanso semanal, etc., foram

conquistadas pelos trabalhadores com as greves levadas a efeito para esse fim, movimentos espontâneos, que não obedeciam à palavra de ordem de nenhum chefe, mas deliberadas, discutidas e aprovadas nas assembleias gerais dos seus organismos sindicais.

As afirmações em contrário deturpam a verdade histórica. Af estão as coleções dos jornais da época e a memória daqueles que participaram desses movimentos, alguns dos quais, levados ingenuamente a participar da indústria do sindicalismo ministerialista, lembram com saudade os tempos em que o povo, na praça pública ou nas sedes das organizações livres, sabia valer e zelar pelos seus direitos.

F. GIL



Esta é a situação: o povo produtor suportando o peso do capitalismo parasitário.

Os Padeiros e as Lutas Sociais

Uma classe briosa contra um patronato antiquado e reacionário

Aqueles que acompanham de perto o movimento de lutas do proletariado paulista, e principalmente a ação desenvolvida pelo antigo Sindicato dos Manipuladores de Pão e Confeitadores de São Paulo, e observam o triste panorama econômico e social desta classe no atual momento em que todos os trabalhadores vivem sob o torniquete do sindicalismo ministerialista, não se esquecem jamais de que aquela organização foi um dos fortes estelões das jornadas reivindicatórias do proletariado.

De há muito vem esta classe reivindicando o direito de melhores acomodações e alimentação sadia, visto a maioria ser obrigada a dormir e comer nos estabelecimentos em que trabalham, por conveniência de serviço. Dormindo muitas vezes sobre sacos de farinha, ou em taboieiros da manipulação; outras vezes tendo por habitação uma pocilga infecta e cheia de imundice, numa promiscuidade

nojenta e perigosa, alimentando-se mal, os trabalhadores na indústria de panificação estão sujeitos às piores consequências.

As autoridades sanitárias fecham os olhos à falta de higiene nos locais de trabalho, favorecendo, por causa da "bola", — expressão comum entre os proprietários gananciosos — uma classe exploradora que coloca os seus lucros acima da saúde do povo.

Os verdadeiros amassadores de pão — e aqui cabe a expressão com o suor do seu rosto — ainda tem gravado na memória um plano mínimo de reivindicações para o tratamento a sério, única forma de solucionar de vez o problema da má alimentação e da má dormida.

Aos novos elementos desta classe, que nela ingressaram no período de 1942 para cá, não lhes passará por certo despercebido que seus velhos companheiros ainda continuam lutando pela sua independência, apesar do golpe fascista de 1937 na sua organização de classe.

Esses novos companheiros, muitos dos quais não se deixaram corromper pela nefasta ação da política sindical, despertarão um dia para a conquista de seus direitos, dinatamente, sem esperar os "benefícios" de uma legislação existente apenas nos calhamaços governamentais e na burocracia dos sindicatos envolvidos em manobras políticas e preocupados em "fazer deputados".

Eurico Pinto Cardoso

Livros que Recomendamos

"Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casainte Beuve — edição castelhana	Cr\$ 35,00
"Manifesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbri	Cr\$ 35,00
"Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkin	Cr\$ 35,00
"Luiza Michel" — (La virgen roja) — Irma Boyer, enc.	Cr\$ 45,00
"Teses da existência e inexistência de Deus" — Charles Duclaux	Cr\$ 20,00
"As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Roder	Cr\$ 15,00
"El apelo mutuo" — Pedro Kropotkin, enc.	Cr\$ 70,00
"La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkin	Cr\$ 80,00
"O que es la Propriedad" — Proudhon, enc.	Cr\$ 40,00

Pedidos à Caixa Postal, 5739 — São Paulo — Capital

A LUTA ANTI SOCIALISTA



Desde que a alta finança internacional deliberou impor o fascismo como supremo árbitro dos destinos da sociedade, as organizações do proletariado revolucionário mundial apressaram-se para a luta contra a última esperança do capitalismo para salvar-se do naufrágio inevitável.

São vinte e sete anos de sangüinolentas lutas entre o fascismo, isto é, a Igreja possuidora de incalculáveis riquezas, os latifundiários, o industrialismo, os banqueiros e, em torno destes, toda uma corte de canalhas ávidos de honrarias, com as quais possam humilhar os produtores, de um lado; os criadores de toda a riqueza social, consócios do seu real valor, de outro a luta antifascista tem assumido aspectos verdadeiramente colossais, e onde a peleja se evidenciou mais intensa e profícua assumindo cada dia maior ímpeto, foi na Península Ibérica, onde os amantes da liberdade, de muitos países foram combater as legiões que o Vaticano e os supra-mencionados interessados na manutenção dos privilégios, isto é, do roubo multi-secular feito aos proletários, enviaram às terras de Ferrer para impor uma tirania a um povo, que o mesmo é dizer a humanidade que tão apaixonadamente deseja viver a liberdade econômica, política e social.

Os criadores do fascismo envidaram todos os seus melhores esforços no sentido de fazer acreditar ao povo trabalhador que o crime cometido na Espanha em 1936 e depois, em 1939, na Polónia e continuado em 1945 no coração da Alemanha, segundo a sua asquerosa demagogia, não tinha outra finalidade senão a de exterminar o seu filho dileto, e filho das suas entranhas canibalescas.

Mas não! A realidade era e é outra. A internacional do ouro era sumamente favorável à vitória do fascismo sobre o que era designado por democracia. A única contrariedade para a realização deste designio foi o povo russo ter erigido com o seu peito uma muralha intransponível em Stalingrado (oh, irrisão!) aonde foi quebrada a espinha dorsal do nazismo; o povo inglês ter contido à distância, alem-Mancha, as legiões de Attila; os maquis espanhóis e franceses terem desarticulado a poderosa estrutura dos exércitos prussianos na França; enfim, os guerrilheiros europeus tornaram impossível o triunfo do capitalismo cuja responsabilidade jamais se apagará pela incensurável destruição e morte semeadas pelos seus vandálicos exércitos. Interrompida a sangueira, começaram as máscaras a cair lentamente e vemos que os comparsas anglo-americanos protegem os fascistas na Itália, conservando 98 por cento à frente da administração pública, como se nada tivesse acontecido.

No Japão o procedimento é idêntico, com a agravante de tudo fazerem para salvar o Mikado da derrocada que, com a Casa Branca, tinham combinado o ataque a Pearl Harbour!

O fascismo em Portugal e Espanha ainda sobrevive devido ao auxílio que as democracias dos plutocratas prestam aos canibais Franco e Salazar.

Patenteado está que já nem se procura encobrir as aparências e sim de aparecer como na realidade são: Fascistas, e incrementadores da contra-revolução.

Neste momento, o que vemos? Na França os grupos de ação fizeram abortar um movimento fascista. No

preparo desse movimento colaboraram os tradicionais inimigos da classe trabalhadora, quer dizer, os mais fúteis inimigos da liberdade.

As agências comunicam-nos (e não dizem o mais importante) que os conspiradores franceses estão em perfeita ligação com os fascistas espanhóis, alemães, italianos, escandinavos e latino-americanos.

Figuras proeminentes do fascismo internacional achavam asilo junto a altas patentes do exército francês. Esse asilo era proporcionado na província austríaca do Tirol. Nesse território montanhoso, atualmente sob administração francesa, reuniram-se depois da derrocada do terceiro Reich, numerosos líderes nazistas, bem como fascistas dinamarqueses, noruegueses, holandeses, belgas e húngaros, cujas autoridades francesas lhe deram oportunidade de preparar o ressurgimento dos diversos movimentos fascistas. As mesmas autoridades chegaram ao ponto de fornecer passaportes falsos que lhes permitiam viajar para outros países entre os quais os principais estados latino-americanos.

Se a organização do fascismo é internacional, a organização antifascista também tem que ser internacional. Muito atilados foram os nossos camaradas espanhóis, e todos os que com eles colaboraram, quando lançaram as bases de uma grande organização e a denominaram "SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL ANTI FASCISTA".

A benfazeja ação da SIA é constatada em vários continentes porque a sua missão nobilitante é estar ao lado de cada combatente antifascista para encorajá-lo na batalha contínua contra o monstro insaciável.

SIA já conta com várias seções em diversos países da América, Europa e África. Isto revela a sua eficácia na luta titânica de todos os dias até a destruição do negregado fascismo.

A luta antifascista empolga os camaradas que militam nos meios anarquistas, que tem a sua atenção voltada para as lutas europeias, essencialmente para as que ora se travam na Espanha, por terem constituído o campo de luta onde o fascismo jogou a sua grande cartada e momentaneamente venceu. Agora terá que ser derrotado em Barcelona, em Madrid, em Lisboa, assim como terá que ser sepultado em Roma, Paris e na capital dos modernos romanoff, etc etc.

A S. I. A. apela para todos os camaradas para que contribuam com quanto possam, mensalmente, para que aos que lutam e dão a sua vida na titânica peleja pela liberdade não falem os meios com de redobram o seu combate. Esta nova organização sinceramente declara a todos os camaradas que outro designio não persegue a não ser o de prestar solidariedade a todos que se empenhem verdadeiramente na luta contra o fascismo. Portanto, antifascistas de S. Paulo, do Brasil inteiro, colaborai nesta obra de extermínio do inimigo mais cruel da liberdade, da justiça social e da harmonia entre os seres humanos.

A. V.

ESTRACOS...

"L'UOMO FINITO"

"O deputado Barreto Pinto fez um apelo à polícia para que impeça as vaías ao Chefe da Nação" —

(Dos jornais)

Herói de caso escabroso
Numa revista da moda,
Seu Pinto ficou famoso
Nos anais da alta roda.

Em cuécas foi surpreendido
Por reporter indiscreto,
Depois de o ter convencido
Que era elegante e correto.

O povo, rompendo em válias
Que irritam qualquer mortal,
Deslustra o brilho às alfaías
De famoso general.

Orn, isso não se faz;
É falta de gratidão.
E o Pinto, que é bom rapaz,
Segura as cuécas na mão.

Si o povo não tem carvão
Nem casa pra moradia;
Si é negro e raro o seu pão
E nas filas se arrelia,
Que aguente e aperte a barriga,
Porque é falta de respeito
Valar assim, desse jeito,
E ao general fazer figa!

FREI JOÃO SEM CUIDADOS

Pelo Mundo Anárquico

O povo português na luta pela liberdade

Notícias vindas de Portugal, através de vias as mais diversas, transmitem-nos as mais dolorosas cenas do reacionarismo salazarista.

O tirano que em Portugal continua a obra nefasta de Mussolini e Hitler, vinga-se da ação clandestina desenvolvida pelo povo português em sua luta pela liberdade exercendo, através dos seus organismos de repressão e espionagem, a mais severa vigilância no sentido de fazer calar as vozes daqueles que não leem pela sua cartilha de jesuita.

Apesar disso, é intensa a campanha anti-salazarista em todos os meios sociais. Valendo-se da clandestinidade, por meio de folhetos e boletins de todos os tamanhos e feitios, numa obra subterrânea que abala aos poucos a estrutura do fascismo luso, o povo continua a luta pela liberdade.

"A Batalha", o heroico jornal do movimento anarquista português, embora pequeno e reduzido número de páginas, continua chegando até nós com mais ou menos regularidade.

Tendo sido, por muitos anos, um dos mais bem cuidados jornais do pensamento livre de todo o mundo, "A Batalha", que se publicava como diário em Lisboa, impoz-se pelo seu aspecto vivo, e, principalmente, pelo seu suplemento ilustrado, onde figuraram as mais brilhantes penas da literatura portuguesa.

Juntamente com "A Batalha", do Porto, e "Aurora", também do Porto, além de uma infinidade de outras publicações periódicas "A Batalha" desenvolveu entre o povo português uma obra intensa de cultura livre, que fez daquele povo um dos grandes baluartes do anarquismo.

"ITALIA E ESPANHA"

Subordinada ao tema acima, o professor Mariano Ruiz Funes, da Universidade da cidade do México, pronunciou uma conferência, dia 11 do corrente, no auditorio da Escola Caetano de Campos.

Gratos pelo convite.

Estariamos enganados se tratássemos de compreender a atualidade espanhola e os caminhos do seu futuro, através dos discursos dos seus homens proeminentes, das ordens e decretos de seus funcionários, das estritas resoluções dos seus partidos. Com isso não se teria detido o fascismo, mas antes preparado o caminho ao capitalismo. O trabalho anônimo das massas, a revolução silenciosa preparada continuamente por milhares de seres sem ambição, que só abandonam o sulco quando a semente é já fruto, para aí é que se devem voltar as atenções dos que querem compreender a obra dos anarquistas na Espanha.

Haja vista, por exemplo, a demonstração da capacidade construtiva do povo espanhol realizada através do Conselho Regulador da Economia de Villena.

O Comitê de Defesa Antifascista compreendeu que não bastava organizar-se a luta contra as tropas reacionárias.

Era preciso, sobretudo, movimentar as indústrias decadentes ou abandonadas pelos fascistas em fuga, dando à produção um interesse social. Campos, fábricas e oficinas foram entregues às respectivas corporações e, com fundos pertencentes aos capitalistas desaparecidos, constituiu-se uma Caixa Única para amparo e fomento das indústrias.

A orientação era clara: administração das indústrias pelos operários e técnicas e bonificação dessas indústrias para o bem social. Cada centro básico de produção ou seção de indústria mantinha o seu Comitê de fábrica, emanado das assembleias da pessoal, que, geralmente, se reunia

Ainda há pouco tempo foi sufocado um movimento que visava o fim do terrores fascista em Portugal, sendo encarcerados e enviados para as colônias africanas milhares de trabalhadores e estudantes.

Só dessa forma, empregando na obra reacionária os recursos arrancados ao povo através de pesados tributos, reduzindo-o à fome e à impotência, consegue o emulo de Franco manter-se ainda no poder.

Pessoas vindas de lá recentemente contam os piores horrores do nível de vida a que ficou reduzido um povo laborioso e valente, ao ponto das estradas se verem cheias de pessoas a pedir esmola enquanto as lavouras de trigo e centeio ficam abandonadas porque, di-

za
tem
reve
qua
de
En
ativ
colo
os
cer
pec
ass
E
mot
con
te.
A
nal
mi
der
lete
mo
rev
ce
gã
pe
sir
(F
Un
lev
gã
tid
te
de
m
pe
te
re
m
to
lh



Pingentes, causa dos muitos acidentes que ocorrem no serviço de transportes coletivos de São Paulo. E é assim que viaja o povo quando vai para o trabalho...

TORREIO PLEBEU

F. A. Silveira — Capital —

Para a divulgação de "A Plebe"

CAMPANHA DAS 5.000 ASSINATURAS

Afim de que seja assegurada definitivamente a vida econômica do jornal, e consequentemente a sua publicação regular, precisamos conseguir-lhe assinantes.

Com 5.000 assinaturas, "A Plebe" terá sua vida garantida.

Precisamos, pois, conseguir CINCO MIL ASSINANTES. E não será difícil — se todos os amigos do jornal se dispuserem a trabalhar, conseguindo-se assinantes entre os militantes libertários, entre os simpatizantes do nosso movimento, entre amigos do jornal, etc.

Mãos à obra, pois, sem perda de tempo! É uma excelente ocasião para que demonstremos nosso interesse pela causa libertária, da qual "A Plebe" é voz na imprensa.

Pedidos de assinaturas à Caixa Postal N.º 5739, São Paulo, com o seguinte coupon:

Sr. Edgard Lenenroth

Caixa Postal n.º 5739

São Paulo — Capital

Solicito a fineza de inscrever-me como assinante de "A Plebe", para cujo fim junto ao presente a importância de Cr\$ 30,00 correspondente a uma assinatura anual.

Nome

Endereço

Cidade

Estado

DATA

(Assinatura)

dústria, representadas pelos respectivos Conselhos de Administração de Indústria, os quais orientavam e administravam as diversas seções pertencentes a cada ramo especializado, ao mesmo tempo que procuravam mercados e matérias primas.

Delegados diretos dos Conselhos de Administração integravam o Conselho Regulador de Economia Socializada.

Por intermédio do Conselho Regulador organizavam-se os intercâmbios ou compras de importância, saindo dele os recursos destinados a financiar as indústrias que, por motivo da guerra, por sua deficiente organização ou pelas funções que desempenhavam, não se bastavam a si mesmas. À parte, com representações das diversas forças, mas com funções de ordem geral e legal, o município desempenhava funções distintas da vida econômica propriamente dita.

A harmonia entre os trabalhadores

blemas a solucionar.

A presidência do Conselho era exercida por um técnico, que, embora, eleito por assembleia geral dos Conselhos de Administração, não o fazia em representação dos mesmos nem de organismos sindicais. O secretário era um representante da CNT, sendo o tesoureiro e o contador da UGT. Os três, com os delegados dos Conselhos de Administração, constituíam o Conselho Regulador, onde se acumulavam — verdadeiro Banco do Povo — todos os efetivos das indústrias: cambiais, remessas documentárias, cheques e valores, etc., o que permitia controlar e operar com maior segurança e exercer ordenadamente os princípios de apoio mútuo, sua base ideológica.

Desta forma, em Villena, tornou-se possível levar à prática os propósitos dos trabalhadores e técnicos livres, de uma economia racional posta em serviço da coletividade.

Enquanto isso, com os benefícios

Coisas Nossas

Resposta a uma carta

I — SOBRE AS DIVERGENCIAS ENTRE COMUNISTAS E ANARQUISTAS:

Impõe-se-nos aqui, preliminarmente, a obrigação de definir o que entendemos por comunismo. Nós, os anarquistas, entendemos por comunismo a organização da sociedade em comunas livres, baseadas no apoio mútuo e no mútuo consentimento, isto é, em organismos independentes ligados entre si pela necessidade de produção e a faculdade de consumo. Quer dizer, todas as atividades sociais — e nisto compreende-se a vida de todas as manifestações humanas — colocadas ao serviço da humanidade dentro do princípio libertário, estariam organizadas livremente, com a ausência do Estado, que não teria mais razão de existência, visto ser o Estado um órgão destinado a garantir a propriedade privada, que terá deixado de existir no comunismo libertário. A função do Estado caracteriza-se ainda como órgão absorvente das atividades, e não produtor, perdendo, por isso, a sua significação, em virtude da abolição do dinheiro, elemento de corrupção, e que motiva

ao Estado. Elas são fundamentais e abrangem todas as manifestações doutrinárias. Os bolchevistas são políticos, os anarquistas, apolíticos. Eles adotam a tática das concessões cedendo para tirar proveito; os anarquistas não fazem concessões, porque não visam o poder. Os bolchevistas são partidários do Estado Totalitário, considerando o indivíduo parte da engrenagem estatal, isto é, o indivíduo deve existir para o Estado, que é dono absoluto das suas ações, controlando-lhes inclusive as relações íntimas e de família, exatamente como os fascistas, que copiaram do bolchevismo os métodos na forma de exercer o poder, quer dizer, são partidários do princípio de autoridade, que constitui a negação de liberdade proclamada pelos anarquistas.

Quanto à mistificação de que o Estado pode desaparecer tornando-se forte, é inconcebível, pois a ciência biológica demonstra que a função faz o órgão! Não se pode fazer desaparecer o Estado dando-lhe remédios para o engordar e fortalecer... A prova temo-la no fato de que, após haver passado uma geração sob a égide do Estado bolchevista, os indivíduos continuam na Rússia escravos do Estado, controlados por ele, ao ponto de existir a pena de morte inclusive para menores, coisa que o próprio Estado burguês repele e condena!

Como se vê, nada podem ter os anarquistas de comum com os bolchevistas.

Concluindo, ficamos-lhe gratos pela oportunidade que nos deu de conhecermos a sua preocupação humana da liberdade.

G. G.

Brevemente:

"O anarquismo ao alcance de todos"

Livro do Prof. JOSE OITICICA

CAUSTICOS SOCIAIS

Em uma roda de jornalistas, da qual fazia parte o sr. Santos, que abandonara a batina para se dedicar às lides da imprensa, e que logo se tornou conhecido pelas suas farras e dedicação ao belo sexo, um colega interpelou-o:

— Oh Santos, por que abandonaste a batina?

E o Santos, com a desenvoltura que lhe era peculiar respondeu maliciosamente:

— Por excesso de zelo eclesiástico...

cuja restauração houve de se empregar muito tempo e recursos, lutando com enorme escassez de matérias primas e impossibilidade de obtê-las em virtude das condições anormais da região, conseguiram produzir 1.000 dúzias de artigos diversos, no mesmo período.

Como vemos, na Indústria de roupas o ralo de ação do Conselho se estendia pela comarca da mesma forma que mantinha fábricas de azeite de cascabelo em Yecla, Hellín e Las Palmas, além de de Villena; em Yecla fabricavam também azeite de oliva e em Las Palmas destilavam álcool com o bagaço da uva. Em vinte e quatro horas conseguiam obter 5.000 quilos de azeite de cascabelo e 65.000 de azeite de oliva, e, em vista de haver diminuído a produção da matéria prima, devido à seca em Levante, procurava-se em Jaén e Ciudad Real, na provincia de Toledo e Cuenca, os produtos indispensáveis.

Isso que se dava com as indústrias acima mencionadas, aplicava-se a todos os ramos de atividade na região de Villena.

Eis aí, em resumo, o que conseguiu o trabalho coordenado de um reduzido núcleo de trabalhadores conscientes de suas responsabilidades históricas.

Animados todos pelo sopro fecundo da revolução social, certos de que, mais do que a demagogia declamativa do mundo de amanhã deverá surgir do trabalho silencioso e concreto de todos os dias, aquele punhado de heróis dos campos, fábricas e oficinas demonstrou como se pode, sem autoridade, sem governo, organizar a sociedade livre, de produtores livres e de homens livres.